

RELIGIÃO

A conspiração para matar Jesus



Vanda Marques

Ontem

Criticava os ricos, a hipocrisia dos sacerdotes e tinha uma multidão que o seguia. Num julgamento injusto, foi condenado. Por trás deste complô estão cinco homens: Pilatos, Caifás, Anás, Judas e Herodes Antipas. Novas investigações desmontam os mitos e desvendam o que levou a esta condenação.

Com 1,67 metros de altura, cabelo encaracolado e curto, barba escura e pele morena, Jesus não se destacava entre os judeus. Usava uma túnica bege até aos joelhos, de mangas curtas, explica a professora do King's College, Joan E. Taylor. Por cima, teria um manto que serviria de cobertor à noite. O seu rosto, que não era conhecido entre os soldados romanos nem entre os guardas do templo de Jerusalém, seria mais parecido com os judeus iraquianos dos dias de hoje. "Jesus não tinha traços distintos, nem a aparência europeia. Várias moedas da época retratam os homens judeus com barba e cabelo curto, ele seria como eles", diz a autora do livro *What Did Jesus Look Like? (Como era Jesus)*. Joan E. Taylor reforça que Jesus pareceria um homem pobre. "Provavelmente teria um ar desganhado, despenteado, porque o filósofo Celso, quando escreveu sobre Jesus, defendia que era embaraçoso ele não tomar conta de si", diz à **SÁBADO**.

Mas este judeu comum não tinha nada de banal e era capaz de atrair multidões com os discursos sobre igualdade e fé. Andava a pregar pela Galileia quando decide juntar-se à festa da Páscoa judaica na maior cidade da região, com 60 mil pessoas, Jerusalém.

No séc. I, esta era uma região agitada, repleta de homens que se proclamavam o messias, e com a vigilância apertada do Império Romano. O historiador grego Flávio Josefo descreveu vários destes agitadores, o mais famoso deles foi João Batista, a quem Herodes Antipas mandou cortar a cabeça. Mas havia outros: Simão, que pegou fogo ao palácio de Jericó, ou Atronges, que se proclamou rei e incitou uma revolução na Judeia contra os romanos. O ambiente na Judeia e na Galileia era de caos e a semana da Páscoa era particularmente agitada.

Antes de iniciar a viagem de 25 km, cerca de 11 horas a pé, Jesus terá tomado um pequeno-almoço preparado por Zaqueu, o chefe dos cobradores de impostos que se tornou seu amigo, em Jericó. Leite de cabra, acabado de ordenhar, tâmaras, uvas e algum pão serviriam para aguentar a viagem. Quase ao mesmo tempo em que Jesus decide ir para Jerusalém, Pilatos saiu da sua residência oficial, em Cesareia Marítima (a capital do império romano na Judeia) e partiu para a cidade que ficava a pouco mais de 110 km. O governador romano queria fiscalizar de perto aquela região do império de Tibério. Como descreve o historiador italiano Aldo Schiavone, "era uma província pequena, sempre inquieta, com tensões e conflitos".

Roma já tinha conseguido comprar o rei Herodes Antipas, mas outra história era a contestação dos judeus. "Sempre foi um local difícil de governar. Havia controvérsias por tudo, por exemplo, quando os romanos colocaram águias nos seus escudos isso foi muito contestado. É que os judeus tinham leis contra desenhos de animais porque eram figuras que podiam ser adoradas e por esse motivo criou-se uma grande rebelião", explica o escritor Stephen Mansfield, autor de *Killing Jesus* (Matar Jesus).

Jesus ainda não representa qualquer ameaça aos romanos, mas para os sacerdotes judeus a situação é muito diferente. "Jesus surge em Jerusalém acompanhado por multidões. Apresentado como filho do único Deus, a sua presença é um desafio aos líderes judeus", reforça Stephen Mansfield. Naquela semana de abril em Jerusalém são várias as conspirações que se estão a formar. Os sacerdotes judeus não respeitam este pobre que veio da Galileia, mas que ameaça o seu poder. Os romanos não querem o início de uma revolução. Herodes Antipas está farto que o desafiem, como tinha feito João Batista. E até Judas, discípulo de Jesus, está desiludido. O resultado deste enredo é um "processo kafkiano, à revelia de todas as regras do direito romano", sublinha o investigador da Universidade Lusófona, José Brissos-Lino.

Novas provas arqueológicas ajudam a contar a história de um julgamento inconsistente e injusto que terá acontecido no Palácio de Herodes, como defende o arqueólogo Amit Re'em. E novas interpretações dos evangelhos pelos académicos ajudam a compreender o que se passou. A **SÁBADO** falou com 14 especialistas e traça-lhe o retrato do complô para matar Jesus.

O sumo sacerdote Caifás prendeu e interrogou Jesus. Depois de o acusar de blasfémia, entregou-o a Pilatos

Caifás e Anás, a família que controla o templo como Os Sopranos

O pátio do templo de Jerusalém não se parecia em nada com um local religioso. O barulho era tanto com a azáfama dos negociantes e dos animais prontos para morrer em sacrifício: as pombas, os cordeiros, as ovelhas, os bois ou os bezerros. Todos eram uma oferta a Deus para ser sacrificada ali mesmo. Quem não trazia de casa os seus animais, fazia ali mesmo o negócio – às portas do templo.

Estas trocas só aconteciam com autorização dos sacerdotes. Anás, o antigo sumo sacerdote sabia que aquele lugar era único. Centenas de peregrinos passavam pelo templo todos os anos com pedidos, mas sobretudo com ofertas. Gado, azeite, grão, lã, tecidos para roupa e cortinas, até ouro tinham de ser purificados como doação e para isso era preciso pagar uma taxa aos sacerdotes, explica Stephen Mansfield no livro *Killing Jesus*. A família que controlava tudo, incluindo os mercados, é a de Anás e do seu genro e então sumo sacerdote, Caifás. "Aquela família funcionava como os Sopranos. Eram muito poderosos e corruptos. Sempre a tentar evitar que Roma entrasse nos seus negócios", sublinha Stephen Mansfield.

Anás já tinha conseguido que os seus cinco filhos também ocupassem cargos importantes na hierarquia judaica e agora cabia a Caifás esse cargo. Sempre bem vestido, de manto púrpura, conseguiu manter-se no poder durante 18 anos – todo o mandato de Pôncio Pilatos, que sucedeu a Valério Grato como governador romano.

Mas será que Caifás existiu mesmo? O professor e teólogo de Princeton, James H. Charlesworth, não tem dúvidas e a prova é um ossuário descoberto a sul de Jerusalém em 1990, com o nome Caifás. "É uma caixa muito ornamentada, que pertenceu a alguém poderoso, ou seja, Caifás. Já a estudei em Jerusalém", conta à **SÁBADO**. Mas há outra descoberta mais recente que comprova a existência deste sacerdote. Trata-se de outro ossuário com 2 mil anos. "Em 2011, foi descoberto um ossuário na zona sudoeste de Jerusalém com o nome: 'Miram, filha de Yeshua, filho de Caifás, sacerdote de Maaziah de Beit Imri.' E a sua autenticidade foi certificada pela Autoridade de Antiguidades Israelita."

Caifás era poderoso e ninguém questionava a sua autoridade. Mas foi isso mesmo que Jesus fez na sua última semana de vida.

Mau para o negócio

Entrou no templo e começou a derrubar as mesas dos negociantes e as moedas dos cambistas espalharam-se pelo chão. A seguir pontapeou as gaiolas de pombas e gritou: "A minha casa será chamada casa de oração; Vós, porém, fazem-na um antro de ladrões." No Evangelho de João o episódio é mais violento com Jesus a bater nos comerciantes. "Então ele fez um chicote de cordas e expulsou todos do templo." Jesus acusou-os: "Não façais da casa do meu Pai uma casa de negócio." Foi um escândalo. "Imagine o que seria hoje chegar a um casino e derrubar todas as fichas e expulsar todos. Isso era estragar o negócio", diz o autor norte-americano Stephen Mansfield. O professor José Brissos-Lino alerta para as consequências desse ato: "Caifás temia que Jesus provocasse um tumulto em Jerusalém, e que, por consequência, Roma viesse a retirar autonomia ao poder do templo."

"O que Caifás faz é transformar uma questão messiânica numa questão política. Apresenta Jesus como um revolucionário que punha em causa a estabilidade do poder romano"

Teólogo José Jacinto Farias

Julgamento de um inocente

Como acrescenta o historiador e arqueólogo Pedro Paulo Funari, Jesus desafiava abertamente as autoridades judaicas. "Ele chega ao templo e acusa os fariseus de hipocrisia, de não partilharem a riqueza. Não há dúvida de que há um conflito entre Jesus e a elite", diz à **SÁBADO**. "As seitas político-religiosas judaicas daqueles dias em Jerusalém: os saduceus (uma espécie de aristocracia judaica) de onde normalmente saía o sumo sacerdote e que eram aliados da classe sacerdotal e do poder (religioso) do templo, e os fariseus, um grupo mais numeroso e popular, extremamente legalista, sendo ambos inimigos – ambos os grupos se uniram e conspiraram para matar Jesus", conclui José Brissos-Lino, diretor do Mestrado em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona.

Mas há outro detalhe que vai enfurecer Caifás e a sua família: os milagres. Antes de chegar a Jerusalém, na Páscoa, ele ressuscitou Lázaro. "Jesus era um curandeiro, e Caifás e a elite não acreditavam nesses poderes, nem na ressurreição", esclarece Pedro Paulo Funari, professor brasileiro da Universidade Estadual de Campinas.

Os sumos sacerdotes tinham um problema: não podiam condenar Jesus. "Os romanos eram os únicos que poderiam executar uma sentença de morte", explica Luís Larcher. Caifás e Anás têm então de encontrar outra forma de o condenar. O teólogo José Jacinto Farias explica que "o que Caifás faz é transformar uma questão messiânica numa questão política. Apresenta Jesus como um revolucionário que punha em causa a estabilidade do poder romano".

Então, o que decidem é apanhar Jesus em falso e fazer com que cometa uma blasfémia à frente do Sinédrio. Este tribunal judeu era composto por 70 membros, 71 com o sumo sacerdote, explica o professor da Universidade Lusófona, Luís Larcher. "Além de se proclamar Messias, facto não punível com a morte, em várias passagens do Evangelho Jesus coloca-se ao mesmo nível de Deus: esta é a razão formal que permitiu ao Sinédrio decretar a sua morte por blasfémia", esclarece.

O que se seguiu foi um julgamento injusto, depois de Judas o identificar – mais à frente explicamos o seu papel –, porque os sacerdotes não lhe conheciam o rosto. No Sinédrio reuniram testemunhas que diziam: "Este [Jesus] disse: 'Posso destruir o templo de Deus e reedificá-lo em três dias'", escreveu Mateus. Caifás confronta-o com as acusações: "és o Cristo, filho de Deus". Jesus, depois do silêncio, responde: "Tu o disseste." O Sinédrio precipita-se então a condená-lo: "É réu de morte."

Como aponta, o professor Luís Larcher o facto de Jesus se colocar ao nível de Deus é "a razão formal que permitiu ao Sinédrio decretar a sua morte por blasfémia". Mas há várias ilegalidades neste julgamento, a começar pela forma como foi capturado. No Evangelho de João, por exemplo, refere-se que foi Anás que o interrogou primeiro. E como sublinha Luís Larcher "é provável que Anás estivesse por trás da decisão de prender e matar Jesus". E é aqui que surge a primeira irregularidade – este interrogatório preliminar "não tinha valor legal uma vez que Anás já não ocupava o cargo de sumo sacerdote". Mas há outras incongruências, explica o professor da Universidade Lusófona, como a hora da detenção: "A lei judaica previa que, salvo flagrante delito, deveria ocorrer durante o dia, à luz do sol e sob o olhar de todos."

Também o historiador espanhol António Piñero explica à **SÁBADO** que "não se pode acusar Jesus de blasfémia". E vai mais longe: "A cena de Marcos parece que condena Jesus como blasfemo, mas isso é uma remodelação do evangelista. Para condenar à morte alguém por blasfémia (apedrejando-o) precisavam de testemunhos e que Jesus tivesse expressado claramente o nome de Deus e o tivesse denegrido publicamente.

Jesus jamais fez isso." Durante todo este processo, Jesus, de mãos atadas, é gozado e maltratado. Cospem-lhe para cima e é esmurrado. Então porque não o mataram? "A autoridade judaica podia apedrejar ou decapitar, mas queriam descartar-se da responsabilidade e empurrá-la para Roma", defende José Jacinto Farias.

O que se segue é um jogo de manipulação política. Caifás vai transformá-lo numa ameaça a Roma. Só que para este puzzle estar completo há duas figuras que são determinantes na conspiração para matar Jesus. Antes da decisão de Pilatos, Judas e Herodes Antipas são essenciais.

"Ele era um judeu que vivia na desilusão por causa do domínio dos romanos. Andava pela Judeia e quando ouviu Jesus juntou-se ao seu rebanho. E inclino-me a pensar que Jesus tê-lo-á desiludido, porque Judas queria que este messias tomasse as rédeas da luta contra os romanos e isso não aconteceu"

Maria Antonieta Costa

Judas, irmão de Jesus?

Um papiro velho, rasgado, encontrado no Egito nos anos 70 parecia ser a chave para uma das figuras mais misteriosas: Judas. As 26 páginas do Evangelho de Judas andaram a circular entre comerciantes de antiguidades até que, em 2006, a *National Geographic* o decidiu estudar. Este texto mostrava uma história diferente – tinha sido Jesus a pedir a Judas que o entregasse

para poder morrer e ressuscitar. Mas quem era o homem que denunciou Jesus?

Maria Antonieta Costa, professora de história e autora do livro *A Confissão de Judas*, editado em março deste ano, descreve-o como alguém que procurava um messias. "Ele era um judeu que vivia na desilusão por causa do domínio dos romanos. Andava pela Judeia e quando ouviu Jesus juntou-se ao seu rebanho. E inclino-me a pensar que Jesus tê-lo-á desiludido, porque Judas queria que este messias tomasse as rédeas da luta contra os romanos e isso não aconteceu", diz à **SÁBADO**. Neste romance histórico, a autora tenta mostrar um novo lado de Judas. "O Evangelho de Judas foi muito questionado pelos especialistas, mas como saberemos a verdade? E se, de facto, Jesus incumbiu Judas dessa tarefa? O meu livro abre a porta ao debate", explica. O ponto essencial desta narrativa é que Judas era especial para Jesus que lhe diz: "Irás superá-los a todos. Pois irás sacrificar o corpo que me reveste."

Porém, Maria Antonieta Costa mergulhou também noutra texto: o Evangelho de Barnabé. Este texto apócrifo (quer dizer não reconhecido pela Igreja Católica), provavelmente escrito depois do séc. VI, levanta outra hipótese. "Jesus poderia ter um irmão gémeo, que seria Judas e que foi crucificado em vez dele. Abordo isso no livro como uma questão para reflexão."

Contudo, nenhum destes textos tem credibilidade para os académicos. "Não tem a mínima consistência", reforça o professor da Lusófona, Luís Larcher. Mas, como defende Maria Antonieta Costa, estes textos têm interesse porque "mostram como foram os primórdios do cristianismo, com inúmeras correntes".

O desiludido

Não há provas históricas ou arqueológicas da existência de Judas, descrito como o tesoureiro do grupo de Jesus. Surge em todos os evangelhos reconhecidos pela Igreja Católica, (Mateus, Marcos, Lucas e João) mas o que tem de especial este homem? Sem a sua traição, a história poderia ter sido diferente. "O ambiente que se vivia entre os judeus era de grande injustiça social, muita fome, doença, e estavam carentes do aparecimento de um salvador, alguém que impusesse justiça", justifica Maria Antonieta Costa. O professor Luís Larcher concorda. "O povo de Israel esperava a vinda de um messias.

Judas acaba por representar o *vox populi*, ou seja, o desejo de um homem poderoso capaz de acabar com a ocupação romana." Mas Judas Iscariote pode nem sequer ter entendido bem a mensagem de Jesus, argumenta o teólogo Armindo dos Santos Vaz: "Contrariamente ao que diz dele o apócrifo Evangelho de Judas, ele não terá compreendido nada da mensagem e da vida de Jesus. Terá mesmo pensado e pretendido que o propósito de Jesus devia ser libertar Israel dos romanos ocupantes e colonialistas pela força militar. Tinha aderido a Jesus por esperança num messianismo materialista, político. Quando viu que a mensagem de Jesus era contrária à violência física e armada, ficou desiludido e renegou-o atraíndo-o."

Se foi Judas que contactou Caifás ou o contrário não se sabe, mesmo assim o historiador espanhol acredita que a iniciativa partiu do apóstolo. "O mais provável é ter sido Judas a contactar o Sinédrio, mas há muitas hipóteses sobre o tema e jamais poderemos saber a verdade porque faltam notícias verosímeis", diz António Piñero. Já James H. Charlesworth acredita que Judas estava confuso. "Ele pode ter imaginado que os anjos de Deus iam salvar Jesus e dessa forma inaugurar o reino de Deus." Nada disso aconteceu e o que ficou registado foi a Última Ceia e o beijo da traição. Muitos académicos e teólogos dizem que Jesus sabia o que o esperava. "Um dentre vós me entregará", disse o Messias, naquela que viria a ser a sua última refeição, com os 12 apóstolos. É também nessa refeição que Jesus diz a Judas: "O que fazes fá-lo depressa."

Se não há provas da existência de Judas, do Jardim das Oliveiras, conhecido como Getsémani, em Jerusalém, onde aconteceu o beijo da traição, existem. O arqueólogo Amit Re'em revela descobertas fascinantes que datam de 2020. Durante umas obras na zona, descobriram uma piscina ritual datada do séc. I usada para fazer azeite. "Encontrar esta piscina ritual dá ênfase ao que dizem os evangelhos."

Depois da traição, desconhece-se o fim de vida de Judas. Segundo o relato de Marcos enforcou-se. O teólogo James H. Charlesworth concorda. "O enforcamento era a forma mais comum de suicídio na época."

Herodes Antipas, o déspota que cortava cabeças

Uma conspiração para matar Jesus não podia acontecer sem o apoio do rei Herodes Antipas. A posição de Pilatos era manter pacífico aquele território estrangeiro, sob a tutela de Roma. Talvez por essa razão, o governador não se queria meter nos problemas locais. Quando os sacerdotes lhe entregam Jesus, ele tenta – segundo o evangelho de Lucas – entregá-lo à autoridade local: o rei da Galileia. Será verosímil? O professor Pedro Paulo Funari discorda. "Aparece apenas num evangelho e em termos de probabilidade política ou jurídica é baixa. Nenhum governador precisava de contactar as autoridades locais", explica.

Este déspota não suportava Jesus nem os profetas. Aliás, foi ele que mandou matar João Batista de uma forma terrível – decapitado. O historiador da época, Flávio Josefo, descreve no livro Antiquidades Judaicas que Herodes Antipas mandou executar João Batista com medo de que as multidões que o seguiam iniciassem uma revolução. O historiador António Piñero concorda: "Herodes Antipas era um inimigo de Jesus porque ele era um discípulo de João Batista e continuava a sua mensagem."

O teólogo Armindo dos Santos Vaz descreve-o como um político manipulador. "Herodes Antipas foi muito hábil, ao ponto de Jesus o ter definido como 'raposa'. Pôs a sua residência na nova cidade de Tiberíades, mandada construir por ele próprio na costa ocidental do lago de Tiberíades. Quando Pôncio Pilatos foi enviado como procurador para a Judeia, Antipas fazia vigilância cerrada à sua atividade, para referi-la ao imperador." O professor da Universidade Católica de Lisboa refere outro motivo para Herodes Antipas se irritar com a crescente influência de Jesus: pessoas da sua corte eram crentes. Isso poderia pôr em causa o seu poder? "Antipas alarmou-se com esta penetração de Jesus na sua corte e tentou com astúcia afastar esta influência dele dos seus domínios, servindo-se de 'alguns fariseus' para lhe meter medo: 'Sai e vai-te daqui, porque Herodes quer matar-te.'"

Herodes Antipas nasceu em 21 a.C., filho de Herodes, o Grande, e morreu em 39 d.C. Existem várias provas arqueológicas da sua existência como moedas e edifícios, mas quanto ao episódio do interrogatório a Jesus não há certezas. Agora que ele tinha interesse no desaparecimento desta figura, não há dúvidas. "Houve uma conspiração. Jesus foi eliminado por ser incómodo relativamente às autoridades religiosas e políticas", defende Teresa Toldy, teóloga e professora catedrática da Universidade Fernando Pessoa.

Gozar com Jesus

"Herodes, vendo Jesus, alegrou-se imenso, pois havia bastante tempo que o queria ver, por causa do que ouvia dizer dele. E esperava que ele fizesse algum milagre na sua presença", escreve Lucas. Mas isso aconteceu. Como viu que não havia resposta, decidiu gozar com ele. "Tratou-o com desprezo e mandou cobri-lo, por troça, com uma capa esplendorosa e enviou-o de novo a Pilatos", explica o Evangelho. Como é que um tirano, como Herodes, não o quis condenar? A explicação, apontada por alguns académicos, pode ser uma: limpar a imagem de Pilatos. "O objetivo dos Evangelhos é demonstrar que Roma não é a culpada da morte Jesus – apesar da condenação ser de Pilatos", justifica o historiador italiano, Aldo Schiavone autor do livro Ponzio Pilato: Un enigma tra storia e memoria (Pôncio Pilatos: um enigma entre a história e a memória).

Leia Também

Amin Re'em: "O local que se diz ser a via dolorosa é fake news"

Pilatos, o grande culpado

Ser nomeado governador de um território do Império Romano era uma promoção na carreira, para um militar como Pôncio Pilatos. Mas quem era este homem que condenou Jesus? E existiu mesmo? A prova cabal da sua existência é uma pedra encontrada em Cesareia Marítima com a inscrição: Pilatos, governador da Judeia. E é assim que é conhecido na História. "Pilatos era um soldado romano, de proveniência italiana, que fez uma carreira importante. No fim desta carreira, o imperador Tibério decide nomeá-lo governador da Judeia", conta à **SÁBADO** o historiador italiano Aldo Schiavone.

Quanto às descrições de que era violento, o especialista prefere defini-lo como "homem de comando". E acrescenta: "O mundo antigo era todo ele muitíssimo violento." Já Luís Larcher junta mais umas características deste militar: "Era por natureza inflexível e, para além da sua arrogância, duro", a sua obra caracterizou-se por 'concussões, violência, roubo, brutalidade, tortura, execuções sem processos e de uma crueldade gratuita e sem limites', escreveu Filon [filosofo e teólogo da época]." A teóloga Teresa Toldy acrescenta: "Era um facínora. Há relatos de revoltas contra a ocupação afogadas em sangue." Será por esse motivo que Pilatos se intrometeu neste desacordo entre judeus? Temos de recordar que são os sacerdotes judaicos, que depois de o condenar no Sinédrio, levam Jesus perante Pilatos para que este efetive a pena.

Mas um governador romano não quer aceitar as decisões já tomadas por estes religiosos, nem quer saber qual a acusação, esclarece o especialista em cristianismo Luís Larcher. "Uma vez conduzido o acusado, Pilatos não perguntou por que razão tinha sido condenado pelo Sinédrio, mas de que era acusado. A solução adotada pelos sacerdotes foi acusar Jesus de um crime que interferisse nos interesses romanos: e a traição a César e de Roma era decididamente gravíssima. Lucas relata explicitamente as acusações que as autoridades judaicas fizeram contra Jesus a Pilatos, todas de natureza puramente política: ele incitou o povo, impediu o pagamento de tributos a César, afirmou ser o Rei Cristo-Messias – tudo falsas alegações", explica.

O que se segue, descrevem os evangelhos, são tentativas de Pilatos de não condenar Jesus. Primeiro, como referimos anteriormente, procura Herodes Antipas. Sendo governador da Galileia poderia decidir sobre o destino deste homem, mas ele recusa condená-lo. Mais tarde, Pilatos dará opção ao povo judaico que escolha o seu destino final – salvar Jesus ou o ladrão Barrabás. "Pilatos é um homem covarde e toma consciência de que não há motivo para condenar Jesus. Ele não percebia nada das questões messiânicas. Mas os sacerdotes apresentam-no como um revolucionário que punha em causa a estabilidade do poder romano", reforça o professor da Universidade Católica, José Jacinto Farias.

O rosto de Jesus não era conhecido, foi preciso Judas beijá-lo para os guardas saberem quem deviam prender

Os romanos não prestam contas

Como explica Luís Larcher, era ao procurador imperial em território de ocupação romana que cabia o dever legal de verificar "todos os casos e todas as evidências em crimes capitais". Mas neste caso os argumentos caem por terra porque quando Jesus e Pilatos conversam, o acusado explica que "o meu Reino não é deste mundo", o que representa uma clara 'não culpa' de Jesus." Ou seja, não era uma ameaça ao poder de Roma.

Então o que muda para terminarmos com a morte de Jesus? Há quem defenda que foi a pressão do povo judaico e dos sacerdotes. "Se não o condenasse, Pilatos enfrentaria uma revolta das autoridades judaicas, por isso lavou as mãos desse sangue inocente", defende o teólogo José Jacinto Farias.

Contudo, fará sentido um governador romano pedir a opinião do povo num caso destes? Aldo Schiavone não tem dúvidas: trata-se de ficção. "A descrição de que o povo de Jerusalém se uniu em frente ao palácio de Pilatos e que escolheu Jesus em vez de Barrabás é uma cena totalmente inventada." E vai mais longe: "O movimento do cristianismo precisava de retirar a culpa do império romano, dos funcionários romanos, e arranjar outro culpado: o povo de Jerusalém. É o grau zero do antissemitismo."

Os romanos eram a autoridade máxima naquele território e outro detalhe importante, refere o historiador italiano, é que seria impensável um pagão, um funcionário do imperador Tibério, participar em ritos judaicos como era o lavar as mãos. O autor de Ponzio Pilato considera-o um mito. "É impossível que um governador romano cumpra um rito hebraico num momento jurídico. Isto é retratado para sublinhar que Roma não tem nada a ver com esta sentença", explica ao autor.

Outro detalhe que Aldo considera ser ficção é a existência da mulher de Pilatos, que aparece mencionada no evangelho de Mateus durante o julgamento de Jesus. "Nada tenhas a ver com esse homem justo", teria dito Cláudia. Existe alguma prova arqueológica da existência desta mulher como existe de Pilatos? "Nenhuma", reitera o historiador italiano. "É uma invenção moderna. As mulheres não seguiam os maridos para as províncias do império. Ficavam em Roma – essa era a regra", defende o autor.

Mesmo assim, o historiador refere que Pilatos não encontra razão para o condenar. Então porque o faz? "A relação entre os dois era complexa. Neste encontro há um momento em que Pilatos queria salvar Jesus, tentou mesmo fazê-lo, mas apercebeu-se de que ele não o queria e sabia qual era o seu destino, ou seja, o ensinamento terreno que era sua morte", refere o historiador. O teólogo José Jacinto Farias acrescenta que Jesus morre pela sua causa. "Ele é fiel até ao fim ao que defende, à sua missão."

Morte violenta

O fim mais conhecido da história é a crucificação de Jesus, mas antes foi espancado e açoitado. O teólogo David Tombs, do Centro de Teologia, da Universidade de Otago, na Nova Zelândia, fala mesmo em violência sexual. "Quando lhe tiram a roupa e o forçam a estar nu durante a crucificação, esta nudez é hoje reconhecida como abuso sexual e seria também entendida da mesma forma por romanos e judeus", diz à **SÁBADO**. David Tombs, que estuda o tema há 25 anos, defende que a violência sexual tinha um objetivo: "Ridicularizar, humilhar e rebaixar Jesus."

A crucificação era uma prática romana reservada às classes baixas, aos escravos e aos estrangeiros. "Os romanos matavam os terroristas, os que desafiavam o império com uma execução pública. Antes da crucificação tentaram outras formas de matar, mas eram muito rápidas: cortar a cabeça, empurrar de um penhasco, ferver em óleo. A mais lenta, que permitia ficar ali a servir de exemplo de como não se desafiava o poder romano, era a crucificação", esclarece Stephen Mansfield. E dá como exemplo a revolta de Espártaco (71 a.C.), quando os romanos venceram e crucificaram os rebeldes. "Houve pessoas que sobreviveram uma semana na cruz, porque a família os ia alimentar", esclarece Stephen Mansfield.

O início do novo movimento

Depois de humilhado, abandonado pelos apóstolos, torturado, Jesus teve de carregar a cruz onde foi crucificado. Às 9h de sábado é pregado na cruz – o mais comum era os criminosos serem atados – e morre às 15 horas. Quando Jesus morre sozinho, apenas Maria, Maria Madalena e outras mulheres permaneceram, os sacerdotes judeus, Pilatos e Herodes acharam que tinham contido mais uma rebelião. Mas a morte – e segundo os relatos bíblicos a ressurreição de Jesus – só vai contribuir para o crescimento deste novo movimento que defendia a igualdade entre as pessoas e a bondade como ferramenta. O cristianismo vai tornar-se a religião oficial do império que condenou o seu porta-voz. É por isso que alguns académicos acreditam que o verdadeiro culpado foi Pilatos e não os judeus. Apesar disso, vários conspiraram contra esta figura.

"Jesus gerou uma cultura de humanidade, que não foi entendida em todo o seu alcance pelos que têm a responsabilidade pelo destino dos povos e pelos que os deveriam servir, que foi o que o próprio Jesus fez. Foi ele que proclamou a liberdade, a igualdade e a fraternidade entre todos os humanos, sem balizas nem fronteiras", conclui o professor da Universidade Católica, Armindo dos Santos Vaz. E foi também essa mensagem que lhe trouxe tantos inimigos.

"Jesus representava uma ameaça para o poder romano e judeu"

Armindo dos Santos Vaz

DESCUBRA AS EDIÇÕES DO DIA

Publicamos para si, **em dois períodos distintos do dia**, o melhor da atualidade nacional e internacional. Os artigos das **Edições do Dia** estão ordenados cronologicamente **aqui**, para que não perca nada do **melhor que a SÁBADO prepara para si**. Pode também navegar nas edições anteriores, do dia ou da semana

Dentes brancos e saudáveis? Este é o segredo para um sorriso bonito

Programa da EDP apoia empreendedores com futuro

Cargo: as calças que estão a fazer furor no mundo da moda

Aposta da Semana: Consegue adivinhar o resultado do clássico da Luz?

#IMPULSIONAR

[A Energia que muda o Mundo](#)

[Dar as Pernas ao Manifesto](#)

[ABC do Phishing](#)

[11ª Edição Prémio Nacional da Agricultura 2022](#)

[Altice Empresas Corporate Pa League](#)